

PROJETO

DESIGN

328

arquitetura, "design & interiores"
junho 07 R\$ 15,00
www.arcoweb.com.br



arquitetura ■

Produção recente em Pernambuco: em cinco obras, Borsoi, Paulo Mendes da Rocha e a nova geração de arquitetos mostram a vitalidade cultural da região

Interiores ■

Brazil for export: Isay Weinfeld e Andrade Morettin levam projetos brasileiros ao exterior

O lugar da arquitetura no agitado caldeirão cultural pernambucano

Projetos em Recife e Olinda mostram vitalidade

Nos anos 1990, Pernambuco voltou a ser assunto frequente nos cadernos culturais dos jornais brasileiros. Não que o estado não tivesse lugar cativo nesse universo - basta lembrar Cicero Dias, Gilberto Freyre e Ariano Suassuna, entre outros. Mas havia uma novidade no ar: um ritmo musical fazendo jus à diversidade de estilos locais, do frevo ao maracatu. Quem chamou a atenção foi Chico Science, à frente do grupo Nação Zumbi. O movimento manguebeat - que misturou sons nativos com hip-hop e música eletrônica - parece ter despertado outras áreas, fazendo com que o caldeirão cultural se agitasse. Hoje, com Science morto, a cena recifense parece estar mais calma. Mas a arquitetura, que por sua natureza é lenta como nenhuma outra arte, será que faz parte desse grupo? Será que essa efervescência cultural esbarrou nela?

Prédios recém-concluídos, de interesse arquitetônico, foram encomendados nesse contexto? E em que medida eles refletem a diversidade pernambucana? Nesta edição, fomos buscar algumas respostas - ou apenas aumentar as questões a respeito. Para isso, publicamos cinco projetos recentemente concluídos em Olinda e Recife.

Para começar, o Espaço Ciência, em Olinda, desenhado por Marco Antônio

Borsol, Tereza Simis e Luiz Vieira. Localizado no parque Memorial Arcoverde, em região circundada por elementos históricos e naturais, ele faz contraponto com a agressividade das autopistas e viadutos da ligação viária com a capital. Do ponto de vista arquitetônico, o projeto estabelece ligações com a obra de Acácio Gil Borsoi, pai de Marco Antônio e um dos principais arquitetos do modernismo no estado. Publicamos também dois trabalhos de Paulo Mendes da Rocha, em rara incursão fora de São Paulo. O primeiro é um edifício de uso misto - garagem, lojas e áreas de entretenimento - construído para dar apoio a um centro de compras. Imbricado em entorno histórico - o bairro do Recife -, ele foi alvo de polêmicas por isso. O segundo também está inserido em contexto histórico e marca a colaboração entre o arquiteto e o artista plástico Brnand, um dos ícones da cultura local. A nova geração de profissionais pernambucanos é apresentada em dois projetos: uma casa noturna, desenhada por Metro Arquitetura e Juliano Dubeux, e uma residência, do escritório O Norte Oficina de Criação - todos formados na década de 1990 para cá. Por fim, Fernando Diniz analisa em artigo a produção desses jovens, depois de um hiato nas décadas anteriores. (Por Fernando Serapim)



**Marco Antônio Borsoi,
Tereza Simis e Luiz Vieira**

Museu, Olinda, PE

Volumes dispersos em meio a um parque organizam o percurso de espaço dedicado à ciência. Entre as construções, destacam-se pavilhão educacional e auditório e o espaço de exposições, em prédio desenhado por Borsoi em 1986.



**Paulo Mendes da Rocha e
MMBB**

Edifício multiuso, Recife

Abrigando garagem para mil veículos, os dois volumes novos foram construídos em entorno histórico. Ainda não totalmente finalizado, no conjunto se localiza também uma livraria e, futuramente, um espaço de eventos.



**Paulo Mendes da Rocha e
Eduardo Colonelli**

Capela, Recife

Implantado em meio ao ateliê e ao museu de Brennard, o pequeno edifício utiliza parcialmente as ruínas de uma casa. Em contraponto com a arcada remanescente, de blocos cerâmicos, o que chama a atenção é a estrutura, com dois pilares.



**Metro Arquitetura e
Juliano Dubeux**

Casa noturna, Recife

A iluminação que troca de cor é o grande apelo do projeto, tanto externo quanto interno. O principal material da fachada também é inusitado: o aço corten, cuja idêia de permanência é contrária ao programa que o espaço abriga.



**O Norte Oficina de Criação
Residência, Recife**

Concebida para ser desmontada no futuro, a casa unifamiliar ergue-se em bairro adensado. Os beirais largos e o uso de segunda pele, para proteção térmica, ecoam a escola do Recife, à qual, no entanto, se contrapõe a materialidade escolhida.



O Norte Oficina de Criação
Residência, Recife

Concepção prevê desmontagem e transferência da moradia

Além de ser um dos autores do projeto - junto com Chico Rosa e Lula Marcondes -, Bruno Lima é morador dessa residência implantada no Derby, bairro situado no limite do centro expandido do Recife, em uma região que vem sendo gradualmente ocupada por edifícios de apartamentos. A hipótese de futura negociação do lote com empreendedores imobiliários não foi descartada pelos arquitetos responsáveis pelo desenho da moradia. Ao contrário, eles a consideram praticamente inevitável e, por isso mesmo, levaram-na em conta no desenvolvimento do projeto. Diante dessa possibilidade, decidiram construir uma casa que não fosse simplesmente demolida, mas que pudesse ser desmontada e transferida para outro local.

O lote, rememora o arquiteto Bruno Lima, resultou da partilha de uma gleba que, no passado, foi uma fazenda - "um engenho, como esse tipo de construção era chamado na cidade", ele explica.

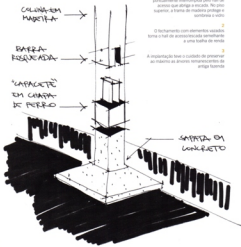




Mesmo com o desmembramento, a vegetação, da qual fazem parte árvores como frutal-pão, jamelão e abacateiro, foi preservada, e o projeto procurou conservar essa situação. "A sensação que se tem ali é a de estar em uma mata em pleno centro da cidade, devido à manutenção das árvores", diz o autor-morador. Coerentes com essa abordagem, as intervenções arquitetônicas se reduziram ao mínimo, com a intenção de deixar livre a maior parte do terreno.

A escolha do sistema construtivo baseada em peças pré-fabricadas para compor a edificação justifica-se, sobretudo, pela possibilidade de, no futuro, o terreno vir a ser negociado.

A residência está organizada em dois corpos. Um deles, caracterizado pelo uso de alvenaria e concreto, segrega as áreas molhadas (banheiro, cozinha e serviço) e delimita o terreno vizinho. O outro está suspenso e abriga os setores íntimo e social da moradia (quarto, estar e jantar). Sob esse segundo volume estão a garagem e o terraço. O hall de acesso/escada, que interliga o pavimento térreo ao piso superior, é o único elemento protegido no nível do solo. O fato de ser vedado por blocos vazados evita, no entanto, a sensação ▶



No térreo, a permeabilidade e pontualmente interrompida pelo hall de acesso que abriga a escada. No piso superior, a trama de madeira protege e sombria o vidro

O fechamento com elementos vazados torna o hall de acesso/escada semelhante a uma toalha de renda

A implantação teve o cuidado de preservar ao máximo as árvores remanescentes da antiga fazenda





A área de estar/jantar é visualmente protegida, mas permite a quem estiver no interior sentir, em enquadramento, as áreas do terreno.



Corte AA



de confinamento, uma vez que ele permite que o espaço seja penetrado pela luz natural, sons e ventilação.

Segundo Lima, esse hall de acesso ora dá a sensação de uma imensa toalha de renda, ora parece uma lanterna iluminada. O arquiteto afirma também que a caixa de madeira (que abraça totalmente três lados do retângulo da planta e, parcialmente, a face voltada para o lote vizinho) configura-se como protótipo de sistema construtivo. "Ele é baseado em tremas horizontais e verticais que são bastante comuns nas mais rudimentares casas de taipa, mas também está presente nas sofisticadas construções que adotam o uso de estruturas metálicas", esclarece.

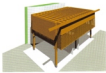
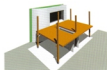
Nesse sistema, os montantes verticais que unem piso e teto estruturam as linhas horizontais que dão proteção solar às esquadrias, os próprios caixilhos e o fechamento superior em assoalho. "A modulação desses montantes e a leveza dos fechamentos permitem posicionar as esquadrias junto ao piso, de forma a filtrar o olhar dos edifícios que circundam a casa e enquadrar, na escala de quem está sentado ou deitado, a ampla arborização do terreno", conclui Lima. (Por Adilson Melendez) ◆



Corte BB



Corte CC



1 A madeira, que identifica o exterior da casa no pavimento superior, também tem forte presença nas áreas internas

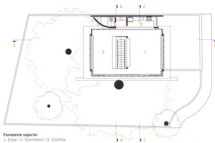
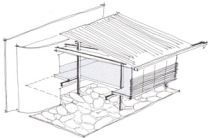
2 No tecto superior, protegido por travas de madeira, estão as áreas íntima e de estar

3 O hall de acesso tem laterais em elementos vazados, por onde penetram luz natural, sons e ventilação

4 O dormitório ocupa área pouco maior que 1/3 do pavimento superior

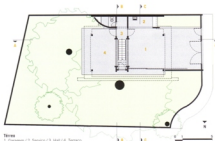


A possibilidade de desenvolver a zona é limitada, mas não por isso deixa a escola de cinema construída como se fosse um tabuleiro.



Pavimento superior

1. Estar / 2. Dormitório / 3. Cozinha



Térreo

1. Garagem / 2. Serviço / 3. Hall / 4. Terrapço



O volume de alvenaria é cortado por aberturas em áreas molhadas, como cozinha e banheiro, e o fundo lápis emprega predominantemente madeira.



Bruno Lima, Chico Rosa e Lula Marcondes são arquitetos formados pela Universidade Federal de Pernambuco. Lima e Marcondes em 1997, Chico Rosa em 1998. Junto com Lucie Duncan, formada em estudos de desenvolvimento econômico e social nos EUA, o trio conduz O Norte Oficina de Criação, centro de produção de arquitetura, design e artes visuais.

Ficha técnica

Residência unifamiliar

Local: Recife, PE

Data de início do projeto: 2003

Data de conclusão da obra: 2004

Área do terreno: 150 m²

Área construída: 350 m²

Arquitetura: O Norte Oficina de Criação - Bruno Lima, Chico Rosa e Lula Marcondes (autores)

Estrutura: Adilson de Oliveira Lima Filho

Consultoria de madeira: Marcos Chaves

Construção: Gerardo dos Santos

Fotos: Leonardo Finotti

Fornecedores

Disobeth (cerâmica), Glasz Tempera (vidros), São João Tábua (madeira), Deca (louças e metais), Lucalux (telhas termocerâmicas), Marmonira Brasil (granito), Casa (telhado), La Fonte (reclamatório)

Novas vozes pernambucanas

Por Fernando Diniz*

Embarada nos ensinamentos e nas atividades projetuais de Delfim Amorim e Acácio Gil Borsoi, a escola pernambucana produziu um rico conjunto de obras do final dos anos 1950 em diante. Arquitetos advindos de outras partes do país (como Borsoi) ou mesmo de outras nações (como Amorim e Mario Russo) adaptaram princípios modernistas da escola carioca e europeus às condições climáticas e construtivas da região e propuseram soluções engenhosas, que se tornaram paradigmas locais. Entre os anos 1950 e 1960, Pernambuco notabilizou-se pela produção de inúmeras residências. Essa geração atuante na Escola de Belas-Artes de Pernambuco formou uma série de discípulos que desenvolveram carreiras produtivas e consistentes.

Já a partir de meados dos anos 1960, observamos que o edifício multifamiliar residencial passou a constituir um campo primordial de experimentação para os arquitetos pernambucanos. A concepção do edifício residencial em altura, implantado de forma recuada no lote, foi possibilitada pela Lei de Uso do Solo do Recife, de 1961. Essa legislação, ao possibilitar a liberação das fachadas, ofereceu uma oportunidade única para os arquitetos projetarem com mais liberdade e melhor atenderem aos requisitos de ventilação e de orientação solar.

Os arquitetos pernambucanos souberam responder muito bem a essa nova demanda, a transformação da casa em apartamento, e criaram soluções que se tornaram paradigmas bem-sucedidos. A sábia adaptação da linguagem moderna às especificidades locais e a plasticidade dos prédios pernambucanos foram logo notadas em realizações como o edifício Rio Branco, de Delfim Amorim, e o edifício Mirage, de Acácio Gil Borsoi. Ao longo dos anos 1970, discípulos de Amorim e Borsoi também produziram clássicos da arqui-

tectura pernambucana, como os edifícios Villa Mariana e Villa da Praia (de Wandemkoik Tinoco), Sahara (de Vital Pessoa de Melo) e Oásis (de Glauco Campello).

De forma geral, esses arquitetos lançaram mão de uma série de elementos que se tornaram característicos da escola pernambucana, como a divisão do bloco em base, corpo e coroamento; os jogos dinâmicos de planos e volumes, tirando partido das varandas e armários que se projetam da edificação; o uso comedido da cor, como resultado dos materiais de diferentes texturas; o emprego de revestimentos pré-moldados, cerâmicas e azulejos; a adoção de artifícios de adaptação climática, como o peitoril ventilado, cobogós e elementos vazados; e a preocupação com armatemes e detalhes construtivos.¹ Nos anos 1980 e 1990, esse paradigma foi levado adiante por uma geração ligeiramente mais nova, atuando não só em edifícios residenciais, mas também trazendo contribuições significativas para a arquitetura empresarial, comercial e hoteleira, como Alexandre Castro e Silva, Jerônimo & Pontual e José Goiana Leal, com uma comédia intro-

dução de tendências internacionais.

A partir desse momento, entretanto, muitos acreditam que a escola pernambucana entrou em processo de dissolução. O mercado cada vez mais restritivo, a perda relativa de importância econômica do Recife no panorama nacional e a enorme sensação de insegurança na cidade tiveram efeitos desagregadores sobre aqueles princípios arquitetônicos. Devido à violência urbana, desde os anos 1980 as classes média e alta debandaram para apartamentos. A harmoniosa relação que os edifícios e as casas estabeleciam com a rua foi rompida por muros altos, cercas elétricas e guaritas. Elementos como jardineiras, recuos e detalhes construtivos mais elaborados passaram a ser vistos como perdas financeiras pelos construtores e foram banidos do mercado. Os edifícios de apartamentos, por sua vez, tornaram-se cada vez mais altos. Se um único profissional projeta, de uma só vez, inúmeras "casas" em um edifício, só resta à grande maioria fazer as ambientações desses apartamentos. Apesar de a arquitetura pernambucana também estar dando



Edifício Mirage (1967), de Adolfo Gê Borsoi: uma resposta à demanda da mudança de casa para o apartamento.



Edifício Rio Branco (1968), de Delfim Anselmi. A linguagem moderna adapta-se ao território pernambucano.



Edifício Vila Mariana (1977), de Wanderlei Tranco, um clássico projetado pelo discípulo de Borsoi e Anselmi.

contribuições significativas nesse campo, arquitetos formados a partir dos anos 1960 não tiveram as mesmas oportunidades de se expressar em termos arquitetônicos.

Uma atitude nostálgica de apenas criticar o presente e reevenciar o passado contribui muito pouco para entender o que se passa atualmente e para propor um papel mais ativo da arquitetura na cidade do Recife. Além da ambientação, as maiores demandas para o arquiteto hoje na cidade estão na construção e reforma de edifícios estabelecimentos comerciais e de serviços, além de uma ou outra casa de praia ou de campo. Mesmo nesse panorama pouco animador, podem-se ouvir vozes de jovens grupos de arquitetos que procuram formular alternativas para o papel do profissional, como os autores dos edifícios abordados neste texto, a residência Bruno/Danielle e o Club Nix.

Arquitetura frondosa

A residência Bruno/Danielle foi projetada por Bruno Lima, Chico Rosa e Lula Marcondes, que integram O Norte Oficina de Criação, um coletivo grupo que reúne jovens profissionais. Projeto premiado no 6º Concurso Jovens Arquitetos, promovido pelo Museu da Casa Brasileira, a casa localiza-se em um pequeno terreno, em uma tranqüila rua sem saída do agitado e cada vez mais verticalizado bairro do Derby. A proposta foi preservar as árvores e tocar a terra suavemente por meio de um pavilhão de madeira. Esse volume congrega os espaços privados da

família, liberando o térreo para o lazer e a garagem. A área molhada constitui um bloco de alienação independente. Essa mistura de técnicas foi adotada visando a adequação de cada componente a suas circunstâncias de uso, esforços e cargas.

Esse pavilhão de madeira é sustentado apenas por seis pilares e dividido ao meio por uma escada que prevê o



acesso ao pavimento superior. A escada é protegida no térreo por dois painéis de cobogó, enquanto no interior do pavilhão ela é ladeada por móveis, que são os únicos elementos divisores de espaço. O desejo de eliminar áreas confinadas levou a um ambiente flexível, com a possibilidade de múltiplos arranjos.

Um dos pontos altos da moradia está na forma como os arquitetos trataram a fachada do pavilhão de madeira, ou melhor, a membrana que separa o interior do exterior. Considerando a fachada uma grande janela, os arquitetos dispuseram peças de madeira ao longo de toda a casa, como se fossem venezianas. A fachada, de fato, funciona como uma janela: ela emoldura as vistas, ilumina o interior, capta ventilação e permite que a construção respire. Nos trópicos, os espaços fronteiriços entre

interior e exterior são os que organizam a vida de uma casa, além de serem os mais agradáveis para estar. Assim, em todos os pontos do pavilhão, temos a percepção de estar sempre nesses espaços fronteiriços, visto que percebemos o exterior o tempo todo. Do lado de fora, ao olhar para a casa, percebemos vultos e movimentos de pessoas e até objetos.

Escola pernambucana lançou mão de elementos que se tornaram característicos, como os jogos dinâmicos de planos e volumes

Essa casa retoma o tema modernista do pavilhão isolado no verde, tão bem trabalhado por Mies e, mais recentemente, por Glenn Murcutt. Mas, ao contrário desses arquitetos que tiveram a sua disposição paisagens intocadas, a casa-pavilhão do Recife está em um sítio urbano. Nesse sentido, os autores tiveram que preocupar-se com a inserção no contexto e com a privacidade, coisas que fizessem muito bem. Em relação à privacidade, alguns painéis fechados interrompem as venezianas na altura do olho humano, protegendo os moradores da exposição aos olhos altos vizinhos e fazendo-os concentrar o olhar no verde existente no terreno.

O arquiteto pernambucano Armando de Holanda defendeu que deveríamos construir frondosa, ou seja, "uma arquitetura sombreada, aberta, vigorosa. ▶



Casa Bruno Zevi, uma retomada do tema de pavilhão, mas localizada em alto urbano



Tratamento dado à fachada do pavilhão de madeira é um dos pontos altos da residência



A frequente visão do exterior valoriza a noção tropical de espaços fronteiriços

acolhedora e envolvente, que, ao nos colocar em harmonia com o ambiente tropical, nos incita a nele viver integralmente".² Holanda ilustra essa passagem com o desenho de uma frondosa árvore com pessoas embaixo, associando a boa arquitetura a essa ideia. Esse conceito nos veio à mente imediatamente enquanto visitávamos a casa, que, de fato, parece com uma árvore. Ela ainda revela similaridade com os trabalhos de arquitetos de diferentes partes do país que estão revalorizando ma-

Juliano Dubeux, partiu de premissas bem diferentes da moradia comentada acima. Os arquitetos souberam responder bem ao que se espera de uma casa noturna: uma caixa fechada para não deixar escapar o som e para despertar a curiosidade dos transeuntes, um projeto marcante na paisagem do bairro de Boa Viagem.

O resultado foi um estranho objeto revestido por placas de aço corten em processo de oxidação, com o conoamento feito de vidro leitoso, que muda de cor ao

totalmente vedada. Sendo assim, os apartamentos puderam inovar apenas em dois pontos, as faces externa e interna.

Em relação à face externa, o Club Niox remete a uma das questões importantes da arquitetura do século 20, que foi a redefinição de fachada, tão bem comentada por Colin Rowe.³ Segundo o historiador inglês, as estruturas de aço e de concreto possibilitaram o aumento das superfícies envidraçadas e a diminuição dos suportes, liberando assim as fachadas de expressar a estrutura e as tradicionais analogias antropomórficas e fazendo com que os arquitetos se perguntassem se elas deveriam representar intenções estéticas ou ser deixadas livres, como a expressão de uma nova tecnologia construtiva. Como sabemos, as fachadas de vidro predominaram nos arranha-céus da arquitetura corporativa do pós-guerra.

No início dos anos 1960, Joseph Louis Sert procurou chamar a atenção para a necessidade de reinterpretar formas tradicionais de vedação, de relação com o exterior e de elementos figurativos.⁴ Já nos anos 1970, Robert Venturi e Denise Scott Brown, fascinados pelos símbolos de comunicação de massa, criaram a ideia do decorated shed, ou seja, grandes galpões, banais e funcionais, que abrigariam as funções e teriam seus exteriores decorados por uma película que procuraria simbolizar o uso do edifício. Mais recentemente, o tema das superfícies voltou a ser objeto de interesse, como podemos perceber na obra de Herzog & De Meuron ou nos trabalhos de Williams & Tsien.

A ideia de construir frondoso, que associa a boa arquitetura à ideia de uma árvore, vem à mente quando se visita a residência



terias tradicionais, como o escritório Una Arquitetos, Álvaro Puntori e Roberto Moita.

Outro aspecto que chama a atenção é a forma como os arquitetos conseguiram trabalhar bem em condições financeiras e técnicas limitadas. O cuidado de tornar a construção mais barata, mais rápida e reproduzível evidencia a preocupação com a habitação social, um dos elementos constantes nos trabalhos de O Norte. De fato, a casa foi construída em poucos meses e custou pouco. Os materiais são extremamente simples (alvenaria, madeira, cobogós).

As fachadas

O Club Niox, projetado pelos profissionais do escritório Metro Arquitetura e por

longo da noite por meio da iluminação. A caixa corresponde ao salão principal, que tem pé-direito duplo, e o conoamento de vidro, a um lounge com área a céu aberto. O tratamento das superfícies externas exibe enorme contraste: enquanto as placas enfumadas sugerem algo pesado, envelhecido e amalgamado à terra, o vidro é preciso, claro, novo e leve. A caixa de aço parece estar submetida às enormes pressões das energias e sons ali produzidos. A atividade estrondosa e energética de uma boate parece ser contida pelo volume, enquanto o conoamento parece filtrar e difundir uma luz tênue, que sinaliza para a cidade a atividade que ali se desenvolve.

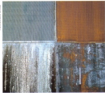
O programa exigia um amplo espaço livre interno, dentro de uma superfície



Desenho conceitual mostra a preservação com as faixas de luz, no interior do Club Nox



Tratamento das superfícies externas: placas enferrujadas sugerem algo amargado a terra



Fachadas do Club Nox, alinhadas com as especulações levadas a cabo por Herzog & De Meuron

O Club Nox parece estar mais afinado com as especulações sobre superfícies levadas a cabo por Herzog & De Meuron, como na biblioteca de Eberswalde e na fábrica da Ricola em Mülhausen.³ De fato, a camada de ferrugem não é adicionada como uma película, mas algo que nasce do próprio material, do seu processo de envelhecimento.

O processo de envelhecimento de um edifício não necessariamente denigra seu significado arquitetônico, mas também pode aglutinar novos sentidos. Se considerarmos uma edificação como um ser vivo, temos de admitir que ela também envelhece e adquire valores.⁴ No caso do Club Nox, a oxidação das chapas foi pensada como forma de aglutinar significados. As vicissitudes da obra ficaram registradas nas chapas: as manchas de um anticorrosivo aplicado na parte superior deslizou pela fachada, fazendo com que algumas partes dos painéis tivessem sua corrosão retardada. Além disso, algumas chapas estão enferrujando mais lentamente que outras. Tudo isso ajudou a gerar, na superfície, efeitos instigantes, que ilustram o conceito de transformação perseguido pelos arquitetos: a ferrugem atuando nos painéis de aço e a luz sendo refletida pelo vidro. A maneira não convencional como os autores trataram o revestimento contribui para essa sensação de estranhamento e inquietação que temos ao nos aproximar do edifício.

Em relação à face interna da caixa, o tratamento é completamente diferente. Essa superfície é composta por painéis

de fibra de vidro translúcida, dispostos paralelamente. O efeito sugere uma pele ou membrana que está se desprendendo do teto e das paredes laterais por causa da vibração e da energia produzidas internamente. Um engenhoso sistema de iluminação informatizado permite infinitas possibilidades de programação, o que contribui para o efeito hipnótico da casa noturna. As luzes, associadas ao ritmo frenético dos frequentadores, tornam a compreensão do espaço completamente diferente a cada minuto.

Tanto a casa Bruno/Danielle como o Club Nox focaram em temas centrais da prática arquitetônica contemporânea. Em um tempo no qual a prática de construir



Notas

³Sobre esses edifícios, veja Marco Antonio Baroni, "A continuidade do moderno em Penzance", na revista *Projeto* 104, setembro de 1988, p.56-59. Para uma visão geral da escola alemã, veja Luis Amorim, "A Escola do Recife: três paradigmas do objeto arquitetônico e seus paradoxos", em *Vitruvius Arquitetura* 12, 2001 (disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq0121/bsar02121.asp>), e Sushil Narsimhan, "Arquitetura moderna em Penzance: 1961-1972 as contribuições de Acácio Gil Boron e Delfino Fernandes Amorim", tese de doutorado, São Paulo, FFLUXUS, 2004.

⁴Armando de Holanda, *Roteiro para construir no Nordeste*, MDLURPE, Recife, 1976, p. 43.

⁵Colin Rose, "Chicago Name", em *The mathematics of the street: site and other essays*, The MIT Press, Cambridge, 1976, p. 89-118.

⁶Imre Lohr Serl, "Windows and walls: an approach to design", em *Architectural Record* 133 nº 5, p. 132-133.

⁷Gerhard Mack, "La imagen del mundo: Heráclito De Meuron, *Estética en Eternidad*", em *Arquitettura Viva* 16, maio/junho de 1995, p.42-43; Jeffrey Kipnis, "A conversation with Jacques Herzog", em *El Croquis*, 60-64, 2000; Jacques Herzog e Piero de Meuron, "Los molinos del viento", em *Arquitettura Viva* 41, março/abril de 1995, p. 34-40.

⁸David Leatherbarrow e Mohsen Mostafaei, *On weathering the site of buildings in time*, The MIT Press, Cambridge, 1995.

A oxidação das chapas do Club Nox foi pensada como uma forma de aglutinar novos sentidos ao envelhecimento de um edifício

é cada vez mais resultado da escolha e montagem de peças disponíveis em catálogo e da aceitação inefetiva de posturas ditadas pelo mercado, esses arquitetos dedicaram-se a um trabalho de pesquisa para repensar as formas tradicionais de sentir e usar os materiais e de articulá-los na construção. Os dois grupos de arquitetos idealizaram seus edifícios dentro de uma abordagem que enfatiza o aspecto técnico. A tecnologia está presente não nos materiais em si, mas na arte de juntar, improvisar e reinventar materiais. ♦

⁹Fernando Dória formou-se pela FFLUXUS (1990) e em 1994 concluiu mestrado em desenvolvimento urbano pela mesma instituição. É mestre e doutor em arquitetura pela Universidade de Pernambuco, no EUA.